

ISABEL MAYER GODINHO MENDONÇA

ANTÓNIO JOSÉ LANDI (1713-1791)  
E A ARQUITECTURA RELIGIOSA  
EM BELÉM DO PARÁ

*Separata da obra II Congresso Internacional de História da Arte – 2001*

*Actas*

Almedina – Coimbra 2005

António José Landi  
(1713 - 1791)  
e a arquitectura religiosa em Belém do Pará

Isabel Mayer Godinho Mendonça\*

I. Num congresso orientado para o tema «Portugal na encruzilhada das culturas, das artes e das sensibilidades», a figura do artista bolonhês António José Landi pode ser considerada paradigmática, já que estabelece a ponte entre dois mundos com tradições culturais muito distintas: a erudita cidade de Bolonha, em Itália, sede de um dos Estados Pontifícios, e a cidade de Belém do Pará, capital do Estado do Grão-Pará e Maranhão, situada no limiar do mundo civilizado da segunda metade do séc. XVIII, na Amazónia luso-brasileira<sup>1</sup>.

II. Contratado em 1750 pela Coroa portuguesa como desenhador da comissão de demarcação de fronteiras, nomeada a seguir ao tratado de Madrid para delimitar os territórios de Portugal e da Espanha na América do Sul, Landi fixou-se no Pará, onde deixou uma vasta e diversificada obra<sup>2</sup>.

Nela teve oportunidade de aplicar os ensinamentos adquiridos na Academia Clementina em Bolonha e junto de alguns dos

ainda projectos para arquitectura efémera, nomeadamente arcos triunfais para as comemorações do casamento de D. Maria, em 1760 – veja-se Isabel Mayer Godinho, «António José Landi e a festa barroca na Amazónia», in *Amazónia Felsinea* (...), pp. 273-283. Para os interiores dos edifícios que projectou, deixou minuciosos projectos para composições retabulares em madeira entalhada, em estuque relevado ou simplesmente pintadas, de acordo com as regras da quadratura – veja-se Isabel Mayer Godinho Mendonça, *O contributo de António José Landi para as artes decorativas no Brasil colonial da segunda metade do século XVIII*, comunicação ao II Congresso Internacional do Barroco, Porto, 2000, no prelo. Mas o contributo de Landi no norte do Brasil não se restringiu à capital do Estado do Pará: deixou os modelos para 83 igrejas paroquiais da Amazónia, projectou as casas de câmara e cadeia de Borba-a-Nova, no rio Madeira, decorou com pintura de quadratura a matriz e projectou a capela de Santa Ana em Barcelos, a capital do Rio Negro, e desenhou a planta da povoação e a igreja matriz de Chaves, na ilha do Marajó. De todos estes projectos para o interior da Amazónia apenas permanece a igreja paroquial de Cametá, muito adulterada, sendo ainda possível identificar algumas igrejas onde é clara a influência do traço de Landi, nomeadamente a igreja das Mercês, em Cametá, e a igreja matriz de Moju.

\* Escola Superior de Artes Decorativas/FRESS.

<sup>1</sup> Sobre Landi e a sua obra veja-se Isabel Mayer Godinho Mendonça, *António José Landi (1713-1791) – Um artista entre dois continentes*, dissertação de doutoramento em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3 vols., 1999, e o catálogo da exposição a ele dedicada, *Amazónia Felsinea/ /António José Landi – Itinerário artístico e científico de um arquitecto bolonhês na Amazónia do século XVIII* (coord. de Isabel Mayer Godinho Mendonça e Mauro David Bondi), Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses, 1999.

<sup>2</sup> Em Belém do Pará, Landi deixou ainda obras importantes no campo da arquitectura civil, como o Palácio dos Governadores e o teatro (este último já desaparecido), e ainda vários edifícios públicos, como os quartéis, o hospital militar e o arsenal; projectou ainda edifícios que não chegaram a ser construídos: a Alfândega e a sede da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão; para a praça fronteira ao Palácio dos Governadores projectou uma estátua pedestre de D. José, que não chegou a concretizar-se. Em Belém existe ainda um dos sobrados que desenhou para os senhores abastados da cidade, bem como uma das capelas privadas a eles anexas e as ruínas da capela privada da sua casa de fazenda, no Murutucu, nas imediações da cidade. Landi realizou

3 Francesco e Ferdinando Bibiena, conhecidos cenógrafos que trabalharam para as principais cortes europeias durante a primeira metade do século XVIII. O filho de Francesco, Giancarlo Sicinio Bibiena, trabalhou para a corte portuguesa entre 1752 e 1760, data da sua morte, tendo projectado, entre outras obras, o famoso teatro da ópera, junto ao Palácio da Ribeira, desaparecido com o terramoto, e a igreja da Memória, terminada já sob a direcção de Mateus Vicente de Oliveira.

4 Francesco Algarotti foi autor de dois importantes textos teóricos que serviram de fundamento aos arautos do novo gosto neopaldiano: *Saggio sopra l'Architettura*, publicado em 1759, e *Saggio sopra l'Accademia di Francia che e in Roma*, em 1763; as duas obras foram dadas ao prelo depois da partida de Landi para o Brasil.

5 *Raccolta di alcune facciate di palazzi e cortili de' più riguardevoli di Bologna*, Bolonha, Lelio della Volpe, s.d. Sobre o contributo de Landi para a gravura veja-se Isabel Mayer Godinho Mendonça, «Landi desenhador e gravador», em *Amazónia Felsinea* (...), pp. 111-133. Cfr. fig. 5.

6 É possível acompanhar o andamento das obras através da correspondência trocada entre a irmandade do Santíssimo Sacramento, de que Landi fazia parte, e os representantes do poder central, a quem é pedido apoio financeiro para a conclusão da obra – Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa) (A.H.U.), *Brasil-Pará*, cxs. 33 e 34.

7 Biblioteca da Ajuda (Lisboa) (B.A.), ms. 54-XI-27, *Memória das pessoas que desde o principio da conquista governaram as duas capitánias do Maranhão e Grão-Pará, anno 1783*, fl. 20v.

seus mestres ilustres, entre os quais se contaram os irmãos Bibiena<sup>3</sup>. Estes ensinamentos terão um profundo reflexo na sua obra, traduzindo-se num classicismo tardo-barroco de cariz cenográfico. A par destas influências encontramos na sua obra, como veremos, uma adesão a esquemas decorativos e a modelos arquitectónicos neo-maneiristas, seguindo as propostas feitas já na segunda metade do século em Bolonha pelo veneziano de formação bolonhesa Francesco Algarotti, como base para a renovação do «bom gosto» na arte<sup>4</sup>.

Da obra de Landi em Belém, a capital do Estado do Grão-Pará e Maranhão, é a arquitectura religiosa a que maior número de questões levanta. O nosso contacto directo com as igrejas de Belém, a par da documentação reunida sobre as mesmas, permitiu-nos retirar conclusões sobre o real contributo de Landi para a arquitectura religiosa da cidade.

Analisaremos assim as duas igrejas que construiu de raiz (a igreja de Santa Ana e a capela de S. João Baptista), duas outras onde interveio tardiamente e foi por isso condicionado por construções preexistentes (a igreja da Sé e a igreja da Ordem do Carmo), e finalmente dois edifícios que lhe têm sido erradamente atribuídos (a igreja das Mercês e a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos).

III. As duas igrejas construídas de raiz por Landi inspiraram-se em modelos arquitectónicos italianos, neo-maneiristas, e nomeadamente na obra de Floriano Ambrosini, um arquitecto contemporâneo de Palladio, cuja obra em Bolonha é parcialmente conhecida graças a desenhos e gravuras de Landi<sup>5</sup>.

A *igreja de Santa Ana* [fig. 1], sede da nova paróquia de Campina, é sem duvida o mais «bolonhês» dos templos que projectou. A sua pedra fundamental foi lançada em 1760 pelo bispo D. frei Miguel de Bulhões, 36 anos após a criação da nova freguesia, mas a construção apenas teve início em Junho de 1762. Cinco anos depois, as obras interrompiam-se por falta de verbas, reiniciando-se lentamente em 1772. A construção, subsidiada pelos paroquianos, entre os quais o próprio Landi, demorou cerca de 20 anos, constantemente interrompida por carência de fundos<sup>6</sup>. A inauguração teve lugar a 2 de Fevereiro de 1782<sup>7</sup>.

Existe ainda o projecto do artista, por ele oferecido a Alexandre Rodrigues Ferreira, com legendas do punho deste naturalista baiano, que entre 1784 e 1792 chefiou uma «missão

filosófica» ao norte do Brasil: uma planta, um corte longitudinal e outro transversal, o desenho da fachada [fig. 2] e ainda um projecto para um retábulo. Nos cortes incluem-se também os riscos dos retábulos<sup>8</sup>.

A fachada, hoje adulterada pela sobreposição de duas torres sineiras, deixava adivinhar por trás, além da cúpula, os braços transversais da nave. O frontispício dilatava-se lateralmente, de forma cenográfica, com colunas destacadas no registo inferior, no prolongamento do entablamento, e aletas enquadrando o registo superior. Colunas e aletas foram embebidas pelas torres oitocentistas<sup>9</sup>.

Na nave da igreja, Landi utilizou uma invulgar planta centralizada, em forma de cruz grega com os braços transversais mais curtos, e uma capela-mor rectangular ladeada de anexos. No interior encontramos um espaço centralizado coberto por cúpula sulcada por faixas duplas, sendo os braços desiguais da cruz cobertos por abóbadas de berço. Pilastras dóricas compartimentam os paramentos, unificados por um entablamento com tríglifos.

A invulgar planta utilizada por Landi em Santa Ana inspirou-se muito provavelmente, como referimos, numa igreja já desaparecida do arquitecto maneirista bolonhês Floriano Ambrosini, conhecida através de desenhos e gravuras de Landi: a igreja de Colégio Pontifício de Mont'Alto, em Bolonha [fig. 3], construída na segunda metade do século XVI<sup>10</sup>. Um esquema idêntico de nave em cruz grega, mas com os braços transversais maiores, fora igualmente aplicado por Ambrosini numa outra igreja bolonesa, também gravada por Landi – a igreja do convento de Gesù Maria<sup>11</sup>. A cúpula do Colégio de Mont'Alto era sulcada por faixas que depois se prolongavam nas pilastras inferiores, solução igualmente adoptada em Santa Ana. O entablamento com tríglifos, unificando o interior da igreja de Mont'Alto, é igualmente utilizado na igreja de Belém.

Nas imediações do Palácio dos Governadores, o edifício civil de maior impacto urbanístico realizado por Landi em Belém, foi construída pelo arquitecto bolonhês, entre 1769 e 1772, a pedido do governador Ataíde Teive, a *capela de S. João Baptista* [fig. 4], em substituição de um templo anterior com a mesma invocação<sup>12</sup>.

O projecto, mais uma vez oferecido a Alexandre Rodrigues Ferreira, é igualmente conhecido. Consta de uma planta, do desenho da fachada principal [fig. 5] e de dois cortes, um longi-

<sup>8</sup> Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (B.N.R.J.), Secção de Manuscritos, Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira, *Prospectos de cidades, villas, povoaçoens, fortalezas e edificios, rios e cachoeiras, da Expedição Philosophica do Pará, Rio Negro, Matto Grosso e Cuyaba, 1784-1792*; Biblioteca do Museu Nacional (Rio de Janeiro) (B.M.N.), Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira, *Prospectos de cidades, villas, povoaçoens, edificios, rios, cachoeiras, serras, etc., da Expedição Philosophica do Pará, Rio Negro, Matto Grosso e Cuyaba, copiados no Real Jardim Botânico*.

<sup>9</sup> As torres foram erigidas em 1840.

<sup>10</sup> *Raccolta di alcune facciate* (...), fls. 38-40.

<sup>11</sup> *Idem*, fls. 49-52.

<sup>12</sup> B.N.R.J., Secção de Manuscritos, 21, 1, 1, n.º 2 – Alexandre Rodrigues Ferreira, *Diário da Viagem Philosophica pela Capitania de S. Joseph do Rio Negro, com a informação do estado presente dos estabelecimentos portuguezes na sobredita capitania, desde a villa capital de Barcellos até à Fortaleza da Barra do ditto rio – Participação 1.ª*, fl. 46; B.A., *Memória das pessoas* (...), fls. 21 e 21v. Curiosamente, uma outra fonte, António Ladislau Monteiro Baena, *Compêndio das Eras da Provincia do Pará*, Belém, Universidade Federal do Pará, 1969 (1.ª ed. 1838), p. 188, fornece informações diferentes, referindo o início da obra em 1771 e a sua inauguração em 1777, já depois da partida do governador Ataíde Teive; julgamos contudo mais credível a informação veiculada por Alexandre Rodrigues Ferreira, testemunha mais próxima dos acontecimentos, confirmada ainda pelo documento anónimo de 1783, da Biblioteca da Ajuda.

<sup>13</sup> B.N.R.J., B.M.N., Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira, *Prospectos* (...).

<sup>14</sup> Landi utilizou uma tipologia idêntica na capela que projectou para o palácio da família do governador Ataíde Teive em Pangim, na Índia portuguesa. Aí contudo vai utilizar variantes, oferecendo duas versões diferentes para a planta da nave: num dos casos igualmente quadrada, no outro circular; a cobertura da planta quadrada assemelhava-se à cobertura da igreja de Santa Ana (cúpula de perfil semicircular), enquanto a cobertura da planta circular era idêntica à da capela de S. João Baptista, de perfil oitavado, sulcada por faixas que se prolongavam em pilastras adossadas às paredes curvas da nave. As duas fachadas alternativas repetiam esquemas idênticos à capela de S. João Baptista, embora uma das propostas, com um invulgar frontão mistilíneo, fosse rasgada por um falso arco inscrito no segundo registo do pano central, à semelhança da fachada da igreja de Santa Ana. Da capela resta hoje apenas a fachada, muito adulterada, tendo o interior sido substituído. O modelo de planta central que se repete nestas capelas, todas de dimensões aproximadas, retoma um esquema corrente em Itália desde o Renascimento, embora sem nenhum exemplo actualmente conhecido em Bolonha. Veja-se Isabel Mayer Godinho Mendonça, *António José Landi* (...), vol. 1, pp. 421-427; e Coleção de Gonçalo de Vasconcellos e Sousa (Porto), *Debuxos do Real Palacio e outros muitos pertencentes à Ermida dedicada a Nossa Senhora da Madre de Deos no convento de Santo António da cidade, e outros da Ermida que à mesma Senhora pertence consagrar o Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Fernando da Costa de Ataíde Teive Governador e Capitão General do dito Estado*, fls. 24-31.

tudinal e um transversal ao nível da capela-mor, onde é visível uma composição para pintura de quadratura<sup>13</sup>.

A fachada principal, rematada por frontão triangular, é enquadrada no piso inferior por pares de colunas adossadas e no piso superior por duplas pilastras que se prolongam no tímpano do frontão de remate.

A planta é composta pela justaposição de dois quadrados, o menor dos quais – o da capela-mor – se apresenta ladeado por anexos. Interiormente a planta da nave é octogonal, coberta por cúpula sulcada por faixas, que se prolongam em pilastras duplas nas arestas do prisma octogonal, abaixo do entablamento decorado com tríglifos.

Uma vez mais, Landi repetiu soluções tipológicas neo-quinzentistas, tanto na planta como no esquema formal da fachada, muito próximo da fachada da referida igreja do Colégio Pontifício de Mont'alto, de Ambrosini [fig. 3]<sup>14</sup>.

IV. Outras duas igrejas de Belém receberam intervenções de Landi, que nelas deixou a marca indelével da arte bolonhesa: a Sé de Belém e a igreja da Ordem do Carmo. Nelas, contudo, o arquitecto teve que se adequar a edifícios preexistentes, harmonizando o seu contributo com a arquitectura religiosa luso-brasileira.

Na igreja da *Sé de Belém* [fig. 6], o maior edifício com estas funções no Brasil, Landi foi responsável pela construção da cabeceira e pelo remate da fachada. À data da sua chegada a Belém, em 1753, a igreja (projectada em Lisboa durante o reinado de D. João V<sup>15</sup>) estava já em construção adiantada, faltando apenas abobadar o corpo principal e completar a fachada e as torres sineiras. Coberta a nave e o transepto, a igreja abriu ao culto em 1755, com o altar-mor na zona do cruzeiro<sup>16</sup>. A construção da cabeceira e a conclusão da fachada teriam lugar muito mais tarde.

<sup>15</sup> A 5 de Março de 1750, o mestre pedreiro das obras da Sé, Manuel João da Maia, pedia à Corte que lhe desse o cargo de mestre das reais obras da cidade de Belém, já que «estava então ocupado na execução das plantas que tinham ido de Lisboa» – A.H.U., *Brasil-Pará*, cx. 102.

<sup>16</sup> A presente igreja teve início em 1748, tendo crescido em redor das paredes da antiga matriz, que continuou aberta ao culto, mesmo durante as

obras. O Santíssimo só foi retirado para a capela de S. João Baptista quando se encerrou a abóbada e se demoliu a matriz. Em 1749, quando o bispo D. frei Miguel de Bulhões tomou posse, as obras estavam paradas; a ele se deve o reinício dos trabalhos até à conclusão do corpo da nova igreja, no final de 1755. Veja-se a correspondência de frei Miguel de Bulhões com a Corte – A.H.U., *Brasil-Pará*, cxs. 97-812, 15-736, e 19A-739G.



De planta em cruz latina, a nave única era rodeada por dois corredores, uma solução que encontramos com frequência em igrejas brasileiras e que se justifica, em climas tropicais e equatoriais, pela necessidade de amenizar a temperatura no interior do templo<sup>17</sup>.

A intervenção de Landi nesta obra é documentada a partir de inícios de 1759 numa carta enviada à Corte pelo bispo do Pará, D. frei Miguel de Bulhões, à qual se anexavam os desenhos para a conclusão do edifício<sup>18</sup>. Os projectos incluíam uma planta, um corte longitudinal e um corte transversal, além de desenhos de pormenor para retábulos, púlpitos, um guarda-vento e pormenores decorativos<sup>19</sup>. A nova cabeceira incluía uma capela-mor de grandes dimensões, destinada ao cabido, com uma ampla sacristia do lado da Epístola e três salas destinadas aos pontificais do lado do Evangelho.

O longo período de construção, assinalado por várias interrupções<sup>20</sup>, foi certamente responsável pela alteração da compartimentação dos anexos da capela-mor: desapareceram os dois corredores que prolongavam os já existentes dos lados da nave, e em vez das três salas surgiu um amplo salão destinado aos pontificais.

A fachada viria a ser rematada por Landi apenas depois da tomada de posse do bispo D. frei João Evangelista Pereira, ocorrida no final de 1772, depois de um longo período de vacatura<sup>21</sup>. Apesar da invulgar largura da fachada, compartimentada em cinco panos (explicável pela existência dos já mencionados corredores dos lados da nave), Landi conseguiu um notável equilíbrio de volumes, em total sintonia com a obra inicial: subiu as torres sineiras, terminou o corpo central rasgado pelo nicho da imagem da padroeira e introduziu obeliscos entre as sineiras e esse corpo. Sobre as cúpulas colocou duas insígnias, representando montes sobrepostos escalonados, motivo que surge várias vezes em fachadas de igrejas de Bolonha<sup>22</sup> e é muitas vezes representado na heráldica italiana<sup>23</sup>.

A intervenção de Landi na *igreja da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo* foi condicionada por uma fachada em cantaria projectada e talhada em Lisboa, entre 1750 e 1756, e integralmente transportada para Belém, acompanhada de dois mestres pedreiros encarregados da sua montagem<sup>24</sup>. A fachada [fig. 7], cuja autoria se

<sup>17</sup> Augusto Carlos da Silva Telles, «Alguns aspectos da arquitectura na segunda metade do séc. XVIII no Brasil», in *Bracara Augusta*, n.º 63, Braga, Câmara Municipal de Braga, 1973, pp. 91-92, nota 6.

<sup>18</sup> A.H.U., *Brasil-Pará*, cx. 19A-739G.

<sup>19</sup> B.N.R.J., Secção de Iconografia, arcaz 29.9.6 (11, 12), E:b II, e arcaz 30; Secção de Manuscritos, Colecção

Alexandre Rodrigues Ferreira, *Prospectos de cidades (...)*; B.M.N., Colecção Alexandre Rodrigues Ferreira, *Prospectos de cidades (...)*.

<sup>20</sup> As obras foram interrompidas em 1761, sendo retomadas em 1766 depois de uma vistoria técnica – António Ladislau Monteiro Baena, *Compêndio das Eras (...)*, p. 180.

<sup>21</sup> Segundo informação manuscrita de Alexandre Rodrigues Ferreira., *Diário da Viagem Philosophica (...)*, fl. 45.

<sup>22</sup> Entre as igrejas que ostentam tal símbolo contam-se S. Giovanni in Monte e o Colégio Pontifício de Mont'Alto, conhecidas através de gravuras de Landi – *Raccolta di alcune facciate (...)*, fls. 23 e 38.

<sup>23</sup> Veja-se Giacomo Bascapè e Marcello dei Piazzo, *Insegne e Simboli, Araldica pubblica e privata, medievale e moderna*, Roma, Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, 1983.

<sup>24</sup> Manuel Gomes e Jerónimo da Silva – Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (Lisboa), Cartório Notarial de Lisboa n.º 1, livro 535, fls. 92v-93v, e livro 540, fls. 49-50 – cit. por Rafael Moreira e Renata Malcher Araújo, «A engenharia militar do século XVIII e a ocupação da Amazónia», in *Amazónia Felsinea (...)*, pp. 173-195. A fls. 94-94v do mesmo livro 535 transcreve-se um contrato de sociedade de 1750 entre os mestres pedreiros José Pereira e Manuel Gomes, ambos de Lisboa, de onde parece extrair-se que o primeiro fora inicialmente contratado pelo representante da Ordem do Carmo para dirigir a obra e fornecer a pedra do frontispício da igreja de Belém do Pará.

<sup>25</sup> B.A., *Memória das pessoas* (...), fl. 20.

<sup>26</sup> «Antes de embarcar para Lisboa pelos annos de 1747 até 49, o Padre Frei António de Azevedo, pedio-lhe neste Convento o Prior Frei Pedro da Natividade huma esmola para a sua fabrica; e prometeo elle mandar de Lisboa hum frontispicio de pedra para a Igreja; levou as medidas da altura e largura da Igreja, que antecedeo a que agora existe, e assim comprio com a promessa que fez, pagando a Commuidade somente os fretes da condução da pedra, os assentos della, os jornaes a dous Mestres, que a vierão acentar, e as passagens de ambos de Lisboa para o Pará, e a volta de hum delles para Lisboa. Levantado o frontespicio succedeo dar o corpo da Igreja demonstraçoens de ruina, e não achou outro remedio o Prior Frei Jozé Lopes da Cunha, do que demolir o corpo da Igreja velha, e levantar a que existe, pelo risco de António Jozé Landi. Accomodou-se então a Igreja no dito frontespicio, por isso quem bem repara na parte superior vê mais levantado o telhado do corpo da Igreja, e mais baixo na parte que cobre o Coro; também dentro da Igreja o corpo della tem mais largura que o Coro de cima» – B.N.R.J., Alexandre Rodrigues Ferreira, *Diário da Viagem Philosophica* (...), fls. 39-40.

<sup>27</sup> B.M.N., Colecção Alexandre Rodrigues Ferreira, *Prospectos* (...).

<sup>28</sup> Talvez por nela estarem sepultados os primeiros mecenas da igreja, Hilário de Moraes Bittencourt, e sua mulher, Catarina Teresa de Vasconcellos, ou simplesmente por não ter havido dinheiro suficiente para a conclusão da obra.

desconhece, rasgada por tripla arcada, com nártex e coro alto, seguindo uma tipologia comum em templos da ordem, foi montada encostada à nave da igreja, que não resistiu ao peso e teve que ser demolida. Foi então que interveio Landi com um projecto para um novo templo, com a obrigação, porém, de manter a fachada feita em Lisboa. A obra seria inaugurada apenas em 1766<sup>25</sup>.

Além da referência feita por Alexandre Rodrigues Ferreira ao nome de Landi como architecto desta obra<sup>26</sup>, existem ainda três desenhos aguarelados copiados em Lisboa para o Real Jardim Botânico, que representam a planta da igreja, um corte longitudinal e um corte transversal, incluindo, uma vez mais, desenhos para retábulos<sup>27</sup>.

O projecto contemplava uma planta em cruz latina e uma capela-mor quadrada rematada por cúpula, com cupulim, que não chegou a ser construída, mantendo-se ainda hoje a capela-mor original<sup>28</sup>.

Ao contrário do que sucede no exterior, onde é perceptível a altura diferente dos remates da fachada e da nave, no interior Landi conseguiu uma união equilibrada da nave com o coro alto. Na junção do cruzeiro com a capela-mor, muito mais baixa do que a inicialmente prevista, tentando evitar o impacto negativo da falta de conclusão do projecto, Landi criou um jogo de colunas em ressalto, com as intermédias dispostas em diagonal, prolongando-se sobre o arco triunfal numa verdadeira apoteose cenográfica [fig. 8]. Estes mesmos valores cenográficos, tão característicos da arquitectura bolonhesa da época, encontram-se também no transepto e na nave, que são compartimentados por colunas adossadas, duplicadas à entrada do cruzeiro e na junção com o coro alto.

Paralela à nave da igreja, do lado oposto ao convento, alonga-se a capela da Ordem Terceira do Carmo, com acesso pela nave da igreja e pelo nártex. De planta rectangular, a nave está ligada à capela-mor, de largura igual, por arco triunfal apoiado em duas colunas destacadas, unidas aos paramentos laterais por pequenos entablamentos, solução então muito comum em Bolonha. Apesar de a capela não ser referida na documentação nem indicada na planta, este pormenor estrutural identifica claramente a mão do artista italiano<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> Em Bolonha encontramos com frequência esta solução, bebida na teoria de Palladio, na obra dos dois

arquitectos mais prolificos da primeira metade do século XVIII, Carlo Dotti e Alfonso Torreggiani.

V. A Landi tem sido atribuídas, sem fundamentos documentais ou com base numa interpretação errada da documentação, duas igrejas ainda hoje existentes em Belém: a igreja das Mercês e a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Julgamos ser importante clarificar os aspectos que estiveram por trás de tais atribuições e ao mesmo tempo esclarecer as razões pelas quais pensamos ser improvável que Landi tenha participado na sua construção.

A igreja de Nossa Senhora das Mercês [fig. 9], anexa ao convento dos Mercedários, substituiu uma anterior em taipa existente no mesmo local e começou a ser construída em 1748, durante o ministério de frei Lino José Freire. Em 1753, no ano da chegada de Landi ao Pará, uma vista da cidade realizada por outro membro da comissão de demarcações, o alemão João Schwebel, mostrava o templo em obras<sup>30</sup>. A inauguração teria lugar a 15 de Setembro de 1763<sup>31</sup>. Desconhece-se o autor do projecto<sup>32</sup>.

A igreja mostra uma fachada convexa, enquadrada por pilstras que se prolongam no frontão de remate de perfil mistilíneo, acima de um entablamento com triglifos; ladeiam a fachada duas torres sineiras de perfil quadrangular, com as faces encimadas por frontões triangulares, cobertas por cúpulas bolbosas vazadas por óculos. Os três portais que rasgam a fachada e os óculos que os encimam são em pedra liós e vieram certamente de Lisboa, tal como o portal da Sé.

No interior encontramos uma planta em cruz latina, com transepto inscrito, capelas laterais à face, um coro alto de grandes dimensões e uma capela-mor estreita e profunda. Nave e capela-mor são cobertas por falsas abóbadas em madeira.

Planimetricamente, a igreja segue uma tipologia corrente na metrópole e que aliás já estava representada em Belém, desde 1718, na igreja jesuítica de Santo Alexandre. Só a fachada não é muito frequente em Portugal e tem sido associada no Brasil às outras três fachadas de perfil bombeado: da igreja do Rosário de Ouro Preto, de S. Pedro dos Clérigos de Mariana e da já demolida igreja de S. Pedro dos Clérigos no Rio de Janeiro, esta conhecida através de fotografias<sup>33</sup>. São no entanto muito distintas as plantas destas três últimas igrejas – as duas primeiras em forma de dupla oval justaposta, a última de planta trilobada –, o mesmo sucedendo com os perfis das suas fachadas, que são todas elas convexas, tanto a principal como as laterais.

Uma outra diferença afasta ainda a igreja de Belém destas três igrejas: o muro da fachada principal é espessíssimo e não

<sup>30</sup> Arquivo Histórico Militar (Lisboa), *Prospecto da cidade de Bellem de Gram Pará. Tirada por ordem de Sua Excellencia o Senhor D. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Capitam-General e Governador do mesmo Estado. em o Anno 1753. Desenhado do original por João Andre Schwebel Capitão Engenheiro. No mesmo desenho pode observar-se igualmente a fachada da igreja da Sé construída até à raiz das sineiras.*

<sup>31</sup> B.A., *Memoria das pessoas (...)*, fl. 20.

<sup>32</sup> Embora seja referido um arquiteto de nome Pedro Ludardo por Eugênio Ferraz, *Convento dos Mercedários de Belém do Pará – Breve historia e registo da sua recuperação*, Belo Horizonte, ed. do autor, 1990, p. 25. O autor não documenta a atribuição.

<sup>33</sup> Veja-se Germain Bazin, *L'Architecture Religieuse Baroque au Brésil*, Paris, Lib. Plon, 1965, vol. 1, p. 161.



<sup>34</sup> «António José Landi, Arquitecto italiano do século XVIII no Brasil», in *Actas do 3.º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, 2.º vol., Lisboa, 1957, pp. 26-27.

<sup>35</sup> «Existe (...) evidência estilística de ele ter sido autor da fachada e de certos elementos do interior. A frontaria das Mercês parece ter sido ideada em Belém, e especificamente em referência à igreja de Nossa Senhora do Carmo, tão semelhantes são o pedimento ondulante, o friso dórico e o risco geral das torres dos dois templos» – op. cit.

<sup>36</sup> Smith cita ainda uma informação alegadamente transmitida por Alexandre Rodrigues Ferreira, segundo a qual João Pedro Ludovice teria fornecido um risco para esta igreja que foi rejeitado «talvez por ser considerado demasiado ambicioso». Na documentação de Ferreira a que tivemos acesso (a publicada e a manuscrita inédita, que revelamos na nossa tese de doutoramento) nunca encontrámos tal referência. O mesmo acontece com o documento inédito da Biblioteca da Ajuda (*Memoria das pessoas (...)*), igualmente por nós revelado. Veja-se *António José Landi (...)*, vol. III, doc. 132, pp. 263-274.

<sup>37</sup> B.N.R.J., Alexandre Rodrigues Ferreira, *Diário da Viagem Philosophica (...)*. Os púlpitos desta igreja mostram contudo grandes afinidades com os púlpitos da igreja da Sé, desenhados por Landi no corte longitudinal dessa igreja. Veja-se Isabel Mayer Godinho Mendonça, *António José Landi (...)*, vol. I, pp. 346-349.

<sup>38</sup> No passo em que refere a igreja de Santa Ana, escreveu Monteiro Baena: «Começa-se de lavar

acompanha no interior o movimento do exterior, como se a fachada convexa tivesse sido adossada a uma fachada rectilínea previamente construída. Esta invulgar espessura da fachada reflecte-se nos óculos que encimam os portais, que não chegaram a ser rasgados, e na invulgar dimensão do coro alto, assente em três arcos que se duplicam em dois tramos.

A atribuição a Landi do risco desta igreja parece-nos totalmente desajustada, além de nunca a encontrarmos referida na documentação que consultámos. Os autores têm repetido invariavelmente uma afirmação feita por Robert Smith, num texto escrito em 1960 sobre a obra de Landi<sup>34</sup>, em que o estudioso americano lhe atribui a igreja das Mercês por comparação com a frontaria da igreja do Carmo, que considera ser de sua autoria<sup>35</sup>, mas que, como atrás referimos, foi desenhada e construída em Lisboa, sem qualquer contributo do arquitecto italiano<sup>36</sup>.

Alexandre Rodrigues Ferreira, numa pormenorizada descrição da cidade de Belém, ao referir a igreja das Mercês, não faz qualquer alusão à autoria de Landi, embora refira a sua participação no projecto de remodelação da igreja do Carmo e na conclusão da Sé de Belém e lhe atribua a integral autoria dos riscos da igreja de Santa Ana e da capela de S. João Baptista<sup>37</sup>.

A igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos [fig. 10] é também erradamente atribuída a Landi a partir de uma afirmação de Robert Smith, feita com base numa interpretação errada da documentação. Desta feita o documento em causa é uma monografia do autor paraense António Ladislau Monteiro Baena, *Compêndio das Eras da Província do Pará*, publicada em 1838, que se refere inequivocamente às obras realizadas na igreja de Santa Ana, localizada nas proximidades da igreja do Rosário e, aquela sim, projectada por Landi<sup>38</sup>.

uma igreja magnífica inaugurada à Senhora Santa Anna no lugar em que o lado oriental da Travessa da Misericórdia he cortado pela Rua de São Vicente.

Esta nova igreja he destinada a ser a Parochial do Bairro de Campina, transferindo-se para ella a Irmandade de Santissimo Sacramento estabelecida desde a criação da mesma freguezia na pobre Ermida de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos; com os quaes a dita Irmandade não vivia tranquilla, nem sufficientemente accomodada pela estreiteza da

mesma ermida até nisso igual à primeira que demolirão em 1725; o que tudo conspirou para buscar meios de fabricar igreja própria. No concurso das esmolos para esta obra também entrou o Governador com cincoenta mil reis todos os mezes durante o exercicio da sua actual jurisdicção. O desenhador António José Lande foi o architecto que deo a traça do templo, e a poz em execução, e que além deste seu trabalho concorre com dinheiro para as despesas da feitura deste edificio que tanto o acredita».

A actual igreja do Rosário foi iniciada em 1820 e as obras prosseguiram muito lentamente. Em 1848, o viajante inglês Henry Bates, durante a sua estada em Belém, descreveu as longas filas de negros, caminhando pelas ruas, cantando em coro e levando à cabeça materiais de construção destinados à sua igreja<sup>39</sup>.

O novo templo do bairro de Campina veio substituir um anterior, muito mais pequeno e em taipa, construído em 1725 no mesmo local, na extremidade da povoação, junto à mata. Nele se instalou a irmandade do Santíssimo Sacramento da nova paróquia de Santa Ana, criada em 1729, aguardando o início da construção da nova matriz, que só teve lugar, como vimos, em 1760. Durante as dilatadas obras da igreja de Santa Ana, a pequena igreja do Rosário supriu as necessidades do culto da paróquia, apesar dos protestos da comunidade.

A fachada desta última igreja apresenta contudo algumas sugestões claramente bebidas na arquitectura de Landi, nomeadamente numa das igrejas paroquiais que, a pedido do bispo D. frei Miguel de Bulhões, projectou para a região amazónica – a igreja de S. João Baptista de Vila Viçosa de Cametá, uma povoação no rio Tocantins, afluente da margem direita do Amazonas<sup>40</sup>. Apesar do seu carácter popular, as proporções da fachada e das torres sineiras são as mesmas, bem como a compartimentação em panos separados por pilastras e o corpo de remate com idêntico resplendor no tímpano, revelando uma influência duradoura da arte de Landi em terras brasileiras<sup>41</sup>.

VI. Os exemplos escolhidos da vasta obra que António José Landi deixou no norte do Brasil constituem assim um exemplo paradigmático do encontro de distintas culturas, artes e sensibilidades, de matriz europeia, do outro lado do Atlântico.

Na igreja paroquial de Santa Ana e na capela de S. João Baptista utilizou modelos e esquemas construtivos neo-quincentistas, de raiz bolonhesa, mostrando que, apesar da distância, continuava a par das correntes artísticas da Itália do seu tempo. Na sé e na igreja da Ordem do Carmo adaptou-se de forma hábil a construções preexistentes, não deixando contudo de lhes imprimir o pendor cenográfico da arte da sua terra natal. Se a igreja das Mercês nada revela de uma intervenção do arquitecto italiano, a fachada da igreja do Rosário dos Pretos, construída já na primeira metade do século XIX, mostra claramente que a arte bolonhesa vai perdurar em Belém do Pará muito para além da morte de António José Landi.

<sup>39</sup> Citado por Ernesto Cruz, *Igrejas de Belém*, Belém, 6.º Congresso Eucarístico Nacional, 1953, p. 56.

<sup>40</sup> B.N.R.J., Secção de Iconografia, E:b II, arcaz 30, 16838-40. Landi projectou ainda a igreja de Santa Ana de Gurupá e de Santa Ana de Igarapé-Mirim, esta última pensada como modelo para as 83 restantes igrejas paroquiais da Amazônia. Os desenhos das três igrejas foram enviados pelo bispo do Pará à Corte, em 1759 – A.H.U., *Brasil-Pará*, cx. 19A-739G. Destas três igrejas resta a de Cametá, embora com algumas alterações na fachada, nomeadamente no corpo de remate do pano central e nas torres sineiras. Veja-se Isabel Mayer Godinho Mendonça, *António José Landi* (...), vol. I, pp. 321-324.

<sup>41</sup> Os retábulos desta igreja revelam também uma clara derivação de algumas das tipologias utilizadas por Landi noutras igrejas da cidade (por exemplo, o retábulo da capela-mor de Santa Ana), permanecendo neles um esquema formal erudito, apesar do evidente tratamento popular.



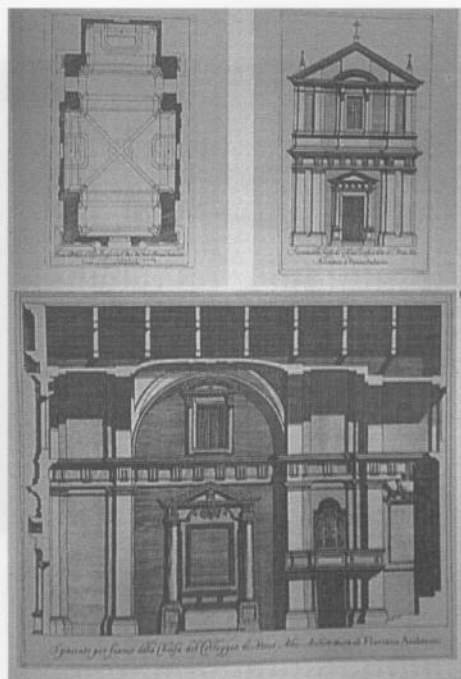


Fig. 2 - Igreja da Ordem do Carmo, 1740-1745, Paris

Fig. 3 - Colégio Pontifício de Mont'Alto, Bolonha, projecto de Floriano Ambrosini.



Fig. 4 - Interior da Capela de S. João Baptista

Fig. 4 - Capela de S. João Baptista, Belém, Pará.

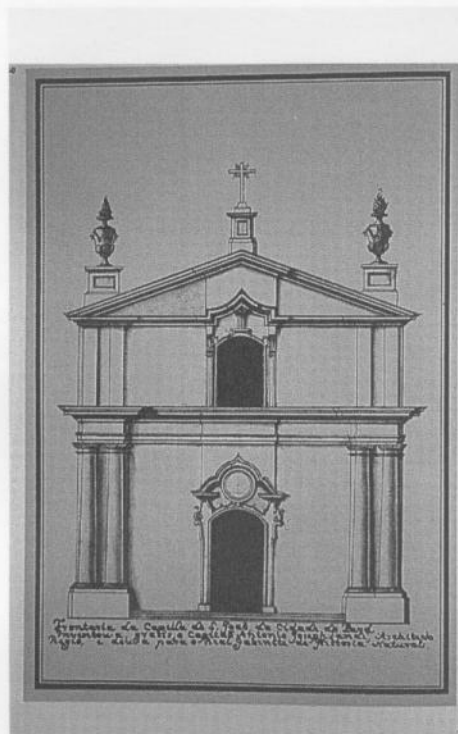


Fig. 5 – Projecto de Landi para a fachada da capela de S. João Baptista, Belém, Pará.



Fig. 6 – Sé de Belém, Pará.





Fig. 7 - Igreja da Ordem do Carmo, Belém, Pará.



Fig. 8 - Interior da igreja da Ordem do Carmo, Belém, Pará.



Fig. 9 – Igreja das Mercês,  
Belém, Pará.

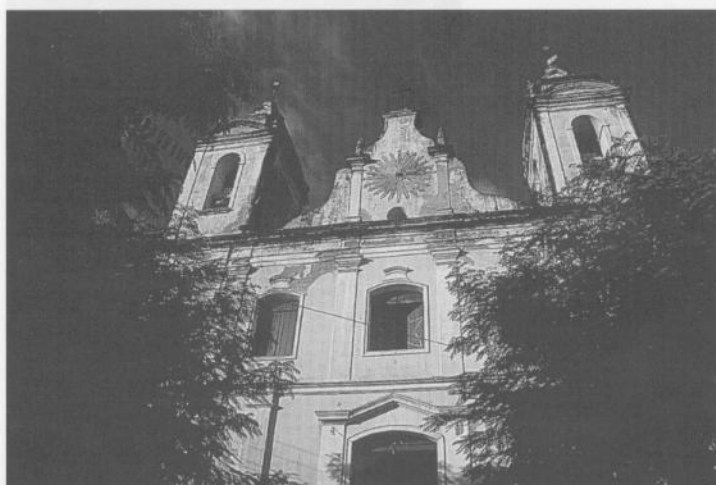


Fig. 10 – Igreja de Nossa Senhora  
do Rosário dos Pretos, Belém, Pará.